


DA ENCRUZILHADA DA ARTE AFRO-BRASILEIRA AO MEMORIAL DA LOUCURA: UMA VIAGEM AO FUNK, UM GRITO DE LIBERDADE E OUSADIA PRETAGONISTA**FROM THE CROSSROADS OF AFRO-BRAZILIAN ART TO THE MEMORIAL OF MADNESS: A JOURNEY INTO FUNK, A CRY FOR FREEDOM AND PRETAGONISTIC DARING** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.001-002>**Adilson Amaral Gonçalves**

Educador do Campo. Graduado no Curso Superior de Licenciatura Interdisciplinar de Educação do Campo, pela Universidade Federal Fluminense-UFF.

Enzo Ribeiro Amaral Gonçalves

Graduando no curso superior de bacharelado de educação física, pela Centro Universitário do Rio de Janeiro- UniCarioca

Milena Bruna de Oliveira Ferreira da Costa

Graduando no Curso Superior de Licenciatura Interdisciplinar de Educação do Campo, pela Universidade Federal Fluminense-UFF.

Ana Beatriz da Silva Resende

Graduando no Curso Superior de Licenciatura de Ciências da Computação, pela Universidade Federal Fluminense-UFF.

RESUMO

Esta obra versa sobre o apagamento das artes negras no Brasil, suas conquistas e resgates, sob um olhar fotográfico de uma perspectiva contra-colonial. Através do bem viver e de suas transformações ancestrais anti-hegemônicas, busca-se evidenciar os saberes e conhecimentos dos povos africanos, que foram trazidos além-mar como escravizados, tendo suas histórias e identidades apagadas.

Mesmo diante desse apagamento, esses povos resistiram e reproduziram suas artes e saberes, deixando-nos um legado afro-brasileiro presente em todas as manifestações culturais. Seus caminhos cruzaram a arte plástica e a música, influenciando profundamente a identidade e a cultura nacional.

Palavras-chave: Bem viver; Fotografias; Afro-brasileiro; Identidade e Pretagonismo.

ABSTRACT

This work deals with the erasure of black arts in Brazil, their achievements and rescues, from a photographic perspective of a counter-colonial perspective. Through good living and its anti-hegemonic ancestral transformations, it seeks to highlight the knowledge and expertise of African peoples who were brought overseas as slaves and had their histories and identities erased.

Even in the face of this erasure, these peoples resisted and reproduced their arts and knowledge, leaving us an Afro-Brazilian legacy present in all cultural manifestations. Their paths crossed plastic art and music, profoundly influencing national identity and culture.

Keywords: Living well; Photographs; Afro-Brazilian; Identity and Pretagonism.

1 INTRODUÇÃO

Esta obra versa sobre uma escrevivência feita através de visitas aos museus do Rio de Janeiro no período de 16/01/2025 a 18/01/2025.

Éramos todos alunos de fotografia do projeto do professor Roman, um latino-americano muito misterioso, que conduz bem a intrépida trupe. Deixemos permanecer essa máxima dele em segredo.

No início, aquele alvoroço de quem ficaria com as máquinas fotográficas. Eu fui com meu celular Poco 6X Pro 64M, pois, me sentindo o próprio Sebastião Salgado (Sebastião Salgado é um fotógrafo documental e fotojornalismo brasileiro, um dos fotógrafos brasileiros mais reconhecidos), vesti minhas lentes ópticas, mais conhecidas como pupila ou menina dos olhos, e parti em direção ao Centro Cultural Banco do Brasil, onde estava exposta Encruzilhada de Arte Afro-Brasileira, uma expografia que evidencia a presença negra na historiografia da arte no Brasil.

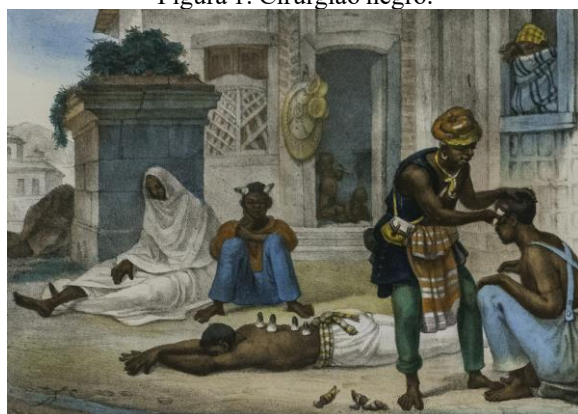
A arte negra é apagada no Brasil, assim como seus conhecimentos e saberes, uma forma de dominação hegemônica europeia que escravizava essa gente e, assim, negava sua cultura para apagar sua identidade. Pois um povo sem cultura é um povo sem história, e, desta forma, perde sua identidade.

Assim, historicamente, as casas de arte, museus, entre outras máquinas de dominação, vêm tentando apagar a histórica arte negra, porém, sempre deixando vestígios.

O livro Trabalho, Folga e Cuidados Terapêuticos: A Sociedade Escrava na Imperial Fazenda Santa Cruz, na Segunda Metade do Século XIX, de Júlio César Medeiros da Silva Pereira, nos pondera:

“O saber africano relacionado à cura leva-nos à compreensão da razão pela qual alguns africanos, e mesmo crioulos, se davam à prática da sangria e da aplicação de ventosas, como a que foi representada por Debret, em sua obra Viagem Pitoresca ao Brasil, quando de sua visita em 1812. A prancha O Cirurgião Negro retrata com clareza um barbeiro-sangrador em ofício ao ar livre, como pode ser visto na figura abaixo.” (Pereira, 2016, p.158)

Figura 1: Cirurgião negro.



Fonte: DEBRET, Jean Baptiste

Por isso, a mostra visa buscar a trajetória da arte brasileira a partir da produção de artistas negros, longe dos paradigmas hegemônicos, onde os negros ditaram o que é ou não arte, apresentando outros

caminhos possíveis para a arte brasileira. A arte contemporânea é negra.

Figura 2

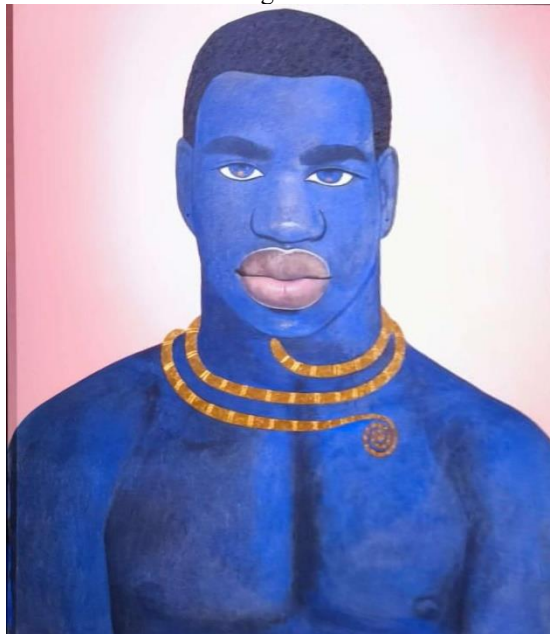


Há outros que foram escondidos nos porões dos museus e galerias de arte, tal qual expostos no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), sob o título Pretagonismo: No Acervo ao Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Acervo este enriquecedor das artes negras, que foram escondidas e embranquecidas para não dar o protagonismo ao artista negro. Agora, ficou impossível negar e esconder tanto talento, que veremos a seguir.

Figura 3



Figura 4



Nesta visita, fomos pegos de surpresa, pois, no meio da exposição, havia algumas artes que nos pareceram feitas por artistas europeus. No entanto, ao nos mostrarem obras parecidas e por termos nosso imaginário colonizado, acreditamos que tudo que nos parece bonito e clássico são obras brancas, devido a nossa educação ser eurocêntrica. Ailton Krenak, em *A Vida Não É Útil*, cita:

“Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamamos de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento. É tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, introduzir diversas ideias e soltá-lo para destruir o mundo.” (Krenak, pág. 101)

É justamente o que fazemos, pois não reconhecemos nossos artistas como agentes produtores de arte, conhecimentos e saberes. Nosso imaginário não nos deixa reconhecer nossos pares. Alberto Acosta, em *O Bem Viver: Uma Oportunidade para Imaginar Outros Mundos*, nos brinda:

“O bem viver tem sido conhecido e praticado em diferentes períodos e em diferentes regiões da Mãe Terra. Forma parte de uma longa busca de alternativas de vida, forjadas no calor das lutas pela emancipação e pela vida.” (Acosta, pág. 103)

Nesta narrativa, perpassamos os contextos do funk carioca através da história mostrada no Museu de Arte do Rio (MAR). Cheia de dor e alegria, sobretudo de liberdade, com empoderamento da identidade e da cultura.

Figura 5



O movimento soul, dando uma nova linguagem a partir de 1974 até a contemporaneidade com o funk, foi perseguido, marginalizado e monitorado, tal qual os denominados insanos, loucos, aqueles que ficaram encarcerados nos manicômios, sofrendo diversas barbáries, como choque elétrico, camisa de força, entre outras agressões.

Figura 6



Tornando-os verdadeiramente doentes, quase fora de si, quíça muito dentro de si, ao ponto de só se revelarem nas artes, ocultos em suas vivências. Como se constata na arte antes e depois do tratamento insano por aqueles que prometiam a cura.

Figura 7

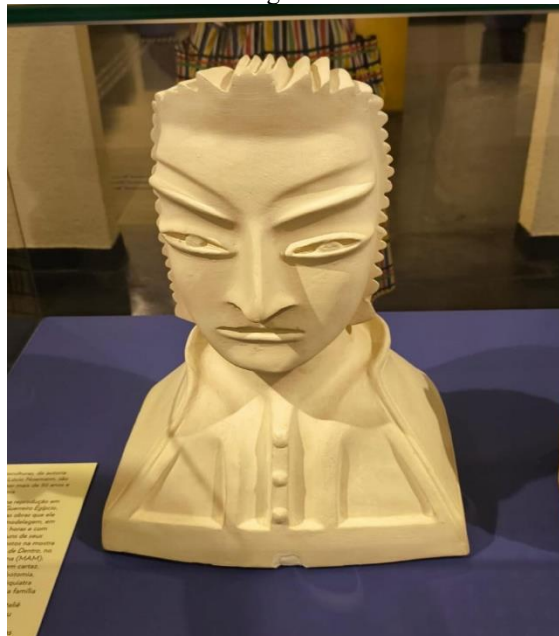
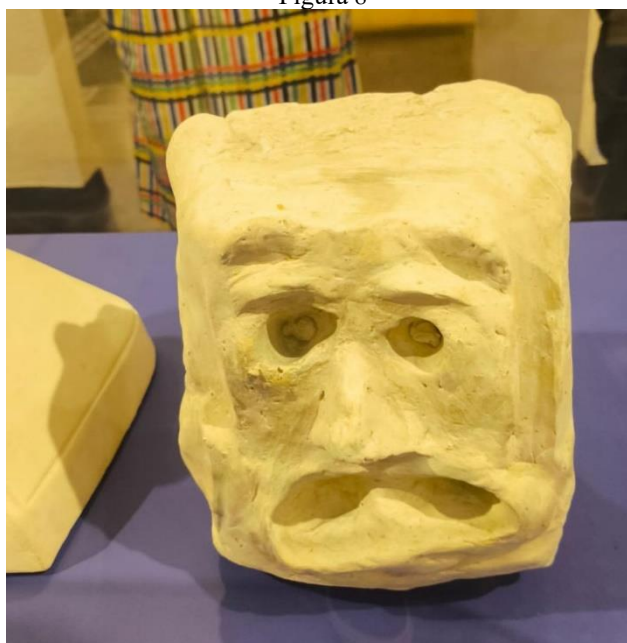


Figura 8



Concluindo, mas não terminando: Nise da Silveira foi pioneira no tratamento mais humanizado aos pacientes com psicopatologia, através do uso da arte para a manutenção da saúde mental, atípico à pintura e à modelagem.



Loucarte
Da janela do dia,
Eu amo agroecologia.
Negro é a força, negro é a energia, Na arte tem sua valia.
No horizonte preto,
Ouço o crepitar da fogueira nova. Negro é verso, negro é prosa,
A dor, um pensamento ancestral. A cura, o desengano mortal.
Da loucura, a arte faz parte. Nise da Silveira, a pioneira, Uma goiana fenomenal.
Fez do manicômio seu quintal,
Com carinho e afeto, fez tratamento mental. Da loucura, a arte é parte,
Todos somos um pouco, basta o start. (Adilson Pantera)

“Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas muito ajuizadas.”
(Nise da Silveira)



REFERÊNCIAS

DA SILVA PEREIRA, J. C. M. Trabalho, Folga e Cuidados Terapêuticos: A Sociedade Escrava na Imperial Fazenda Santa Cruz, na Segunda Metade do Século XIX. Curitiba: Prismas, 2016.

KRENAK, A. A Vida Não É Útil. São Paulo: Schwarcz S.A, 2020.

ACOSTA, A. O Bem Viver: Uma oportunidade para Imaginar Outros Mundos. [s.l.] Elefante, 2016.

QUIRINO, F. 18 de maio, dia de lembrar de Nise da Silveira: “o que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito”. Disponível em:
<<https://www.brasildefato.com.br/2024/05/19/18-de-maio-dia-de-lembrar-de-nise-da-silveira-o-que-cura-e-a-alegria-o-que-cura-e-a-falta-de-preconceito/>>. Acesso em: 7 fev. 2025.